

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2015.

A função do testemunho ocular como memória coletiva.

Da Silva Goncalves Fernandes, Janaína.

Cita:

Da Silva Goncalves Fernandes, Janaína (2015). *A função do testemunho ocular como memória coletiva*. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/586>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/uHC>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A FUNÇÃO DO TESTEMUNHO OCULAR COMO MEMÓRIA COLETIVA

Da Silva Goncalves Fernandes, Janaína
Centro Universitário FIEO APOIO. Brasil

RESUMEN

Partindo do pressuposto que indivíduos são testemunhas de algum evento ao longo de sua vida e que estar somente presente não é o suficiente para um posicionamento frente ao contexto testemunhado. Esta pesquisa buscou compreender a função da narrativa individual como valor de um testemunho coletivo. Realizou-se entrevista semiestruturada com uma testemunha da repercussão do dia em que se estabeleceu o golpe militar no ano de 1964 no Brasil. O depoimento foi analisado utilizando-se testemunhas históricas como base. Os resultados indicaram que apesar do participante expor que manteve uma postura de não envolvimento ativo com a realidade política da época do golpe militar, apresentou um ponto de vista político do acontecimento. Considerou-se o depoimento como um testemunho coletivo de valor, pois a sua narração remete a um fragmento da história social.

Palabras clave

História oral, Ideologia, Narrativa, Memórias, Testemunha

ABSTRACT

THE ROLE OF COLLECTIVE MEMORY AS EYE WITNESS

Assuming that individuals are witnesses of some event throughout his life and be only present is not enough for a positioning front to witnessed context. This research sought to understand the function of individual narrative as the value of a collective testimony. Was performed semi-structured interview with a witness the repercussion of the day it was established the military coup in 1964 in Brazil. The testimonial was analyzed using as base historical eyewitnesses. The results indicated that despite the participant expose that maintained a stance not of active involvement with the political reality of the time of the military coup, presented a political point of view the event. It was considered the testimonial as a collective testimony of value because its narration refers to a fragment the social history.

Key words

Oral History, Ideology, Narrative, Memories, Testimony

INTRODUÇÃO

Testemunhas históricas

As testemunhas verídicas que representam algum movimento histórico que marcaram a época contemporânea tiveram coerências internas perante situações históricas terríveis, em que havia entrechoques de poder, preconceito e violência. A coerência de valorizar a vida e o ser humano os levou a exercerem a práxis pela busca da transformação qualitativa do mundo, com atos que revelam o sentido de um genuíno sacrifício, sem, no entanto, se esperar uma recompensa.

Estas testemunhas são lembradas nos tempos atuais com as suas contradições, seus erros e seus acertos. Sartre (1986) expõe o exemplo de Fidel Castro, que ao atacar o quartel de Moncada liderou a ação prevalecendo-se do princípio de iniciar o trabalho para depois esperar a repercussão da revolta armada. Ao ter se lançado na luta armada, sem obter êxito na ação comandada foi incompreendido por muitos. Como que se o ser humano fosse pertencente de um mundo dicotomizado entre o bem e o mal, em que se apontam coerências absolutas.

Por outro lado as ações de Fidel Castro foram defendidas por outros tantos, escapando da execução. Mesmo sendo preso e exilado, teve oportunidade para a reflexão. O seu retorno é caracterizado pelo seu espírito otimista e antiderrotista, adotando como estratégia a organização para se esperar por muito tempo pela vitória (Sartre, 1986). Esse tempo da espera pode ser caracterizado como tempo da organização, da reflexão, da resignificação, em que se proporciona tempo ao tempo, que implica na conquista de um trabalho bem feito.

Como igualmente, existem os indivíduos que conseguem ter uma percepção da testemunha como modelo de um tempo dotado de ambiguidades, de certezas e dúvidas que se entrelaçam. Guevara (1982) admite em seu manual de guerrilha, que os simpatizantes da Revolução Cubana poderiam se voltar contra a causa popular, mas embora reconheça as incertezas dos indivíduos frente a questões sociais, reforça com o seu espírito de liderança o papel sagrado do guerrilheiro, comparando-o a um anjo que tem a missão de ajudar os menos favorecidos. Neste sentido um depoimento histórico racional admite e descreve o fluxo das transformações humanas e oferece uma visão histórica, sem, no entanto, deformar estas memórias.

Embora, Fidel Castro (Sartre, 1986), Guevara (1982) e Simone Weil (1996) testemunhassem contextos de vida diferenciados, apresentaram em suas trajetórias de vida objetivos equivalentes. Atraídos pela história de grupos identitários tinham o ideal de mudarem o mundo para melhor, se unindo aos movimentos revolucionários, operários e socialistas, pois seriam exatamente estes movimentos que mobilizariam as forças políticas contra o opressor. Estas testemunhas se responsabilizaram pelo destino dos outros e o assumiram como seu próprio destino. As suas atitudes solidárias se justificam na medida em que apresentam uma obrigação ética, moral e social. Estas testemunhas dedicaram-se, por meio da práxis, pela transformação de um contexto opressor, de desigualdade social,

preconceito, ou seja, situações em que ocorre a falta de amor e de respeito pelo o ser humano.

Com esta heterogeneidade de identificação de ideias e ações contra a opressão, muitos indivíduos transformaram-se em mitos históricos. Desse modo passaram a representar um perigo público e conseqüentemente um perigo para com as suas próprias vidas. Como as testemunhas históricas altruístas que perderam a sua vida em prol da igualdade, da justiça e do amor ao próximo, se destacando Gandhi (Asch, 1977), Che Guevara (1982), Simone Weil (1996) e Martin Luther King (Franklin, 1989). Este último era seguidor de Gandhi (2012) que pregava a não violência, e se dedicou a uma causa que é a luta pelo fim do preconceito, que existiu em todos os tempos.

Outro testemunho marcante de preconceito foi o do primo Levi (1988) durante a opressão nazista. Assim como a crença convicta dos Estados Unidos da América de um destino manifesto, no começo do século XX. Políticos norte-americanos traduziram o princípio da doutrina Monroe, "A América para os americanos", para um novo idioma, "A América do Sul para os americanos do Norte" (Sartre, 1986).

Outros tipos de discriminações continuaram nos tempos atuais, como aponta os resultados de uma pesquisa com o objetivo de identificar as implicações existentes em sociedades multirraciais. Os resultados assinalaram que mais afrodescendentes citaram possuir amigos brancos do que os brancos citaram ter amigos afrodescendentes. O fato de sair, trabalhar ou de se encontrarem com indivíduos de raças distintas, está relacionado ao tipo de interação em grupo para a tomada de decisão (Silva, 2009). O que induz ao questionamento que, o fato de ser diferente é um simples indicativo para o preconceito? Ou é algo imposto pelo contexto cultural?

O ser humano tem dificuldade de lidar com o irreversível, impondo uma resistência ao que é diferente. Bosi (2002) diz que a cultura popular tem um poder que manifesta uma ideologia que incomoda os indivíduos desprovidos dos valores de fé e de esperança, por não fazerem parte de determinada cultura. Esta ausência de valores pode induzir o indivíduo a um estado de tensão, como aconteceu com o problema existencialista que Camus (1997) descreveu, vivenciando tensões dualistas entre a tradição e a ruptura, o tecnicismo e a fé, o erudito e o popular, classificando o mundo humano como um absurdo, onde não existem explicações.

A encarnação objetiva de um possível apocalipse, originado com os fracassos do marxismo e os horrores causados pelo nazismo, conduziram o ser humano a descrença de um progresso linear. Se por um lado esses fenômenos de opressão ao ser humano ofereceram espaço para acusações, perseguições, prisões, incompreensão e injustiças para com estas testemunhas indignadas com as práticas sociais abusivas, por outro lado, provocou no cenário histórico desenvolvimentos inéditos, com avanços nos estudos biológicos, psicológicos e sociais (Le Goff, 1990).

Certos testemunhos podem favorecer o governo ou as políticas dominantes, como acontece nos tempos atuais com a mídia que incentiva o consumismo capitalista. Gorz, (2007) explica que a socialização do indivíduo como cidadão, desde a tenra idade, deveria partir de uma educação anti-consumista, priorizando o bem coletivo, pois a propaganda cria um indivíduo para determinado objeto. Com isso, o indivíduo não consegue absorver o conhecimento técnico que o rodeia, transformando-o em um ser humano obsoleto. Tudo que permanece no indivíduo são tensões íntimas, absorvidas do sistema cultural, que para serem compreendidas é necessário que se compreenda as representações que envolvem estas testemunhas, uma vez que esta compaixão transcende qualquer análise ideológica.

Tais apontamentos acima citados sobre a compaixão presente nas ações das testemunhas discutidas no estudo são verificados nos

ensinamentos de Gandhi (Asch, 1977). Gandhi defendeu a coerência da verdade, por meio da não violência como essência da força do espírito ativista do ser humano, ou seja, o ser humano deve cultivar o amor e não o ódio como estratégia para se combater e vencer o oponente. Gandhi (2012) também ressalta a não posseção de objetos de inúteis, indo contra as ideologias capitalistas, valorizando o trabalho com um sentido político de libertar os seres humanos da industrialização, do capital estrangeiro e da desigualdade social. Dessa maneira responsabiliza os indivíduos por sua própria existência, bem como, atribui-lhes o dever de ensinar as crianças a lavarem seus próprios copos, a utilizarem a vassoura e a reparar os objetos velhos.

Enquanto que Albert Schweitzer (2010) encontra na África uma cultura oral onde o eu nunca está dissociado do nós, porém esta cultura é devastada pelo colonizador. Aponta o vínculo entre o consumismo e a escravidão, dizendo que as pessoas ficam presas na engrenagem e dali não conseguem sair. Os seus princípios éticos eram a coerência como ser humano e a reverência à vida, ou seja, tudo o que é vivo deseja e tem o direito de viver, em que nenhum sofrimento pode ser imposto sobre as coisas vivas para satisfazer o desejo dos homens.

O estigma da colonização permanece, porém os povos indígenas que foram respeitados e protegidos pelos irmãos Villas-Bôas (2012) são uma civilização diferente, porque só sobrevivem de sua própria cultura, e apesar de possuírem o conhecimento das espécies de plantas e árvores, não procuram manipular ou mesmo alienar a natureza. O mito é a lógica das coisas concretas, manifestam esteticamente tudo o que fazem, sempre cultuando o que é belo, os objetos e a natureza fala e conta a história dos indivíduos, as histórias orais proporcionam a afirmação de sentido do indivíduo. O uso do tempo pelos índios é infinito, em que não existe um tempo medido, não existe esta mensuração, a memória está relacionada com a sobrevivência, não existindo espaço para o esquecimento, pois as lembranças são essenciais. A cultura indígena apresenta desse modo, outra ética, outra moral, outra visão de mundo. E as culturas ditas como civilizadas se preocupam com o progresso, com o tempo, com o domínio, a manipulação, ao invés de se atentarem em preservar as tradições e a história por meio das memórias individuais e simultaneamente coletivas.

Seguindo os apontamentos descritos e partindo dos pressupostos citados anteriormente, fundamentados por testemunhas oculares históricas, a hipótese apresentada é que de qualquer indivíduo é testemunha de algum acontecimento, porém só estar presente não é o suficiente, pois o ato de testemunhar possui múltiplas dimensões, carregando uma enorme carga ética, direcionando o objetivo da presente pesquisa em identificar a função da narrativa individual como valor de um testemunho coletivo.

MÉTODO

O depoimento da testemunha ocular participante da entrevista será apresentado em forma de caso, coletado por meio do procedimento metodológico da história oral, se considerando os aspectos relevantes do estudo em questão. As informações pessoais que poderiam permitir qualquer identificação da testemunha foram modificadas, sendo adotado um nome fictício. Primeiro será feita uma descrição do depoimento, e em seguida se dará a análise, a luz das perspectivas das testemunhas históricas que motivam a pesquisa.

Testemunha ocular

Nome fictício José tem 78 anos, é casado há 50 anos e tem duas filhas. Nasceu na cidade de Ituitaba, no estado de Minas Gerais -

Brasil. Residente da cidade de Santana do Parnaíba no estado de São Paulo - Brasil. É médico gastroenterologista e mesmo sendo aposentado trabalha em uma clínica médica de sua propriedade, unido com o seu sócio. Ao declarar sua religião alega ser católico, mas que também frequenta uma instituição espírita. O que despertou o interesse para a participação de José na pesquisa foi o fato de se encontrar na fase do envelhecimento, o que predispõe a capacidade de transmitir ricos ensinamentos, pelo tempo de experiência vivido.

Instrumentos

A pesquisa utilizou como apoio um roteiro de entrevista semi-estruturado, que serviu como guia, não sendo administrado de forma rígida, incentivando um clima favorável para que a testemunha narrasse o seu testemunho. As informações coletadas foram audiogravadas com o objetivo de se captar com exatidão os lapsos e expressões apresentados durante o depoimento, que só podem ser captados por meio da narrativa oral.

Procedimentos

A testemunha foi convidada a gravar um depoimento, bem como foi lhe explicado os objetivos da pesquisa e a garantia de sigilo de sua identidade, por questões éticas, conforme o que preconiza os princípios éticos de pesquisas que envolvem seres humanos. Os procedimentos da entrevista foram administrados pela própria pesquisadora, com o consentimento por escrito da testemunha participante da pesquisa e posteriormente transcrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de se dar início a gravação do depoimento da testemunha, se iniciou um diálogo informal, no qual José demonstrou descontração e segurança para detalhar fatos ocorridos durante a ditadura militar no Brasil. Na entrevista formalmente gravada José apresentou uma breve narração, destacando as dificuldades pessoais que se deparou na época em que se estabeleceu o Golpe Militar no Brasil, no ano de 1964. Procurando desta maneira, silenciar o seu testemunho coletivo oficial, preferindo destacar os seus sentimentos pessoais.

Depoimento

Eu havia terminado a residência médica, bateu uma viagem para Minas e Goiás, e eu deveria ir e depois voltar para São Paulo. Então exatamente no dia que eu viajei a noite, eu soube do golpe mesmo, e em Campinas onde o ônibus parou para pegar passageiros, já havia por lá um tumulto, sinal que o golpe já estava estabelecido. Eu continuei viagem fui ver o que eu devia lá em Minas e Goiás, e na volta eu tive dificuldade de voltar, demorei mais de um mês para conseguir voltar, porque estava tudo bloqueado, não tinha ônibus, não deixavam passar, a polícia estava cercando tudo.

Eu não tinha condições de fazer nada, pois se eu tivesse qualquer atitude seria preso, sem dúvida nenhuma, mesmo sem participar, qualquer bobagem que eu falasse a respeito seria prisão no ato, sem dúvida nenhuma e em qualquer situação dessas acho que uma pessoa só, não tem condições de fazer nada. Os que tentaram morreram ou foram presos.

Tem outro fato que é importante relatar para se confirmar a dificuldade de voltar. Meu irmão tinha que comprar uma serraria na cidade de São Paulo, como não dava pra vir de jeito nenhum, nós viemos nesses aviões pequenos, teco-teco, avião de aluguel pequeno para voltar, pois estava tudo bloqueado. Paramos em uma rodovia e o avião baixou em uma cidade aqui em São Paulo, perto

de São Joaquim da Barra. Fomos tentar pousar em um aeroporto, mas estava cheio de cavalo, de gado, não era aeroporto de cidade grande, mas de cidade pequena, nos obrigando a descer em uma rodovia. Meu irmão comprou a serraria e voltamos de novo para Uberlândia. Tudo para demonstrar que na situação do golpe militar todas as estradas estavam bloqueadas.

Análise da narrativa

O depoimento da testemunha, apesar de apresentar um texto aberto que proporciona um número infinito de leituras, demonstrou conter significados ocultos do mapa afetivo da sua experiência, ao se reconhecer a existência do simbólico em sua narrativa. Em seu testemunho, José por ser um jovem recém-casado, com perspectivas futuras de prosperidade, evidenciou a impossibilidade de narrar à violência presenciada. Silenciando sobre os acontecimentos que envolveram pessoas do seu vínculo de conhecimento ou mesmo de experiências singulares marcantes na época do golpe militar. Ao não se aprofundar e até mesmo silenciar, pode garantir a testemunha não resgatar ou reviver a situação de opressão e violenta presenciada. Bosi (1994) diz que as narrativas das memórias possibilitam reviver por meio da memória o fato vivido, racionalizando o seu depoimento.

Embora José relate um pequeno fragmento das impressões percebidas, referente ao dia do golpe militar no Brasil, o seu grau de presença se comprova ao narrar à experiência vivida: "... já havia por lá um tumulto, sinal que o golpe já estava estabelecido, estava tudo bloqueado, não tinha ônibus, não deixavam passar, a polícia estava cercando tudo." Esta observação se torna o suficiente para que seja caracterizado como uma testemunha ocular deste fato histórico.

No dia primeiro de abril de 1964, uma quarta-feira, a edição da Tribuna do Paraná noticiou (Pereira, 2013) as seguintes manchetes: "Rebelião em Minas", "Prontidão militar do Estado para a manutenção da ordem", "General Mourão abre a revolta", "Levante em São Paulo", "Lacerda decreta feriado e controla a situação na Guanabara", "Aulas suspensas hoje e amanhã", "Bispos do Paraná vão lançar proclamação contra perigo comunista que ameaça o País". Não se recorreu às notícias da época com a finalidade de se buscar a veracidade do relato, mas sim, como auxílio para compreensão da narrativa da testemunha, pois outras fontes proporcionam o ponto de vista de outros, a memória pessoal e igualmente coletiva ou social (Bosi, 1994). Deste modo se pode afirmar que um único depoimento, pode ser muito relevante, porém o significado deste testemunho só se finalizará, quando for analisado, diante da articulação de demais fontes igualmente relevantes (Alberti, 2005).

Fidel Castro antes de colocar em prática a sua decisão inabalável de derrubar a casta de corrupção e tirania que alarmava o seu país, acreditou com o seu caráter otimista que todos compartilhavam da mesma indignação em relação aos opressores corrompidos pelo poder (Sartre, 1986). Enquanto que José mesmo sendo uma testemunha ocular, tanto quanto Fidel Castro, não demonstrou em seu testemunho, valores de fé nas mudanças e nas transformações, apresentando um juízo do fato ao descrever "que não tinha condições de fazer nada". Weil (1996) não acreditava em milagres e sim em milagres morais, isto é, em eventos humanos de valor.

Do ponto de vista estético, a testemunha ao narrar à frase, "os que tentaram morreram ou foram presos", remete a sua memória a um contexto que apresenta uma situação aterrorizante, de medo, em que o cerco da polícia e a situação de opressão de liberdade de expressão, misturaram-se ao seu cotidiano.

José inicia o relato de seu testemunho narrando à necessidade de realizar uma viagem, na sequência explica os transtornos no transi-

to, ocasionados pela confusão estabelecida pelo golpe militar, para depois retornar ao assunto da viagem, justificando que realmente teve dificuldades para retornar de sua viagem, pois todas as estradas estavam bloqueadas. Estas memórias invadiram a sua memória pessoal fazendo-o sofrer o fato histórico, tornando o acontecimento presenciado como uma lembrança inapagável (Bosi, 1994). Apesar de José demonstrar distanciamento da realidade política que afetou o país na época do golpe militar, se pressupõe possuir um ponto de vista político do acontecimento, talvez por sua privilegiada formação familiar e acadêmica. A testemunha manifesta uma ideologia ao expor que “sem dúvida nenhuma e em qualquer situação dessas acho que uma pessoa só, não tem condições de fazer nada”, em que se pode levantar a hipótese, do que não foi dito, mas oculto nas entrelinhas de sua fala, de não acreditar que um indivíduo consiga resolver a situação de opressão, sendo necessária uma força coletiva para tal finalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção da personalidade do ser humano sofre interferência nos aspectos que potencialmente confere ou reforça a identidade pessoal do indivíduo, como as passagens que marcam de forma significativa a sua vida, resultando em forças psicossociais. Nesta dinâmica de interações do indivíduo com o meio pode brotar sentidos diferenciados, conectado as circunstâncias e dos contextos histórico sociais em que vivem. A cultura contribui providenciando a representação da realidade do indivíduo por meio dos sistemas simbólicos, ou seja, um universo de significações que possibilita ao indivíduo construir uma interpretação do mundo real. Não se pode afirmar que a testemunha tenha participado de maneira negativa o fato testemunhado e vivenciado, pois os seus valores estão condicionados ao seu contexto e a sua trajetória de vida. Ao narrar reminiscências de seu passado, permite ao indivíduo a apropriação consciente da realidade genérica social, reconhecendo-se como um indivíduo ativo deste processo de significações. Assim sendo, oportunizando-lhe possibilidades de reflexão para a compreensão de qual sentido subjetivo que foi dado as suas lembranças. Ao se correlacionar o seu depoimento com o relato oficial se pode perceber que a testemunha não fantasiou a opressão presenciada do dia do golpe militar, evidenciando um grau positivo de confiança em seu testemunho ocular. Desta maneira se faz necessário o registro de seu depoimento, devendo ser considerado como um testemunho coletivo de valor, pois a sua narração remete a um fragmento da história social.

Ainda vale ressaltar que, considerando que as testemunhas históricas delinearão os seus projetos de vida, deixando-os inacabados devido à incompreensão das forças opressoras, se torna natural e compreensivo que a testemunha apresentada neste estudo, adquira uma postura de silenciar alguns fatos presenciados durante a entrevista. Cabem às testemunhas contemporâneas completarem o projeto que continuou incompleto, que é a concretização de um mundo melhor, idealizado por meio dos valores de fé, esperança, sonhos, empatia e coerência com a vida.

BIBLIOGRAFIA

- Alberti, V. (2005). Manual de história oral. 3º edição. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Asch, S.E. (1977). Normas e Valores. In: Asch, Solomon Elliott. Psicologia Social. Tradução Dante Moreira Leite; Miriam Moreira Leite. 4. ed. São Paulo: Nacional.
- Bosi, A. (2002). Camus na festa do bom Jesus. In: Bosi, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (1994) Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3º edição. São PAULO: Companhia das Letras.
- Camus, A. (1997). A pedra que cresce. In: CAMUS, Albert. O exílio e o reino. Rio de Janeiro: Record.
- Franklin, J.H. (1989). A revolução em seu auge. In: FRANKLIN, John Hope. Da escravidão à liberdade: a história do negro norte-americano. Rio de Janeiro: Nordica.
- Gandhi, M.K. (2012). Cartas ao Ashram. 3º edição. São Paulo: Hemus.
- Gorz, A. (2007). O fim do humanismo do trabalho. In: Gorz, André. Metamorfoses do trabalho, busca do sentido: crítica da razão econômica. Tradução Ana Montoia. 2. ed. São Paulo: Annablume.
- Guevara, E.C. (1982). O guerrilheiro, reformador social. In: Guevara, Ernesto. A guerra de guerrilhas. 2ª edição. São Paulo: Edições Populares, 1982.
- Le Goff, J. (1990). História e memória. Jacques Le Goff (1924). Tradução: Bernardo Leitão. [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP.
- Levi, P. (1988). É isto um homem? / Primo Levi; tradução de Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pereira, E. (2013). Golpe militar de 1964 ocorreu no dia 1º de abril. Paraná Online. Retirado do site: <http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/602465/?noticia=GOLPE+MILITAR+DE+1964+OCORR+EU+NO+DIA+10+DE+ABRIL>. Atualizado em 20/01/2013. Acesso em 23 de outubro de 2013.
- Sartre, J.P. (1986). Furação sobre Cuba. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- Silva, J.M. da. (2009). Contato racial, atitude e tomada de decisão na identificação de raças diferentes da própria raça: implicações em sociedades multirraciais. Revista de psicologia política, 9(17), 101-111.
- Schweitzer, A. (2010). Entre a água e a selva: narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África equatorial. Tradução José Geraldo Vieira. São Paulo: Editora UNESP.
- Villas-Bôas, O. & Villas-Bôas, C. (2012). A marcha para o oeste: a epopeia da expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Companhia das Letras.
- Weil, S. (1996). Experiência da vida de fábrica: Marselha 1941 - 1942. In: Weil, Simone. A condição operária e outros estudos sobre opressão. Seleção e apresentação Ecléa Bosi; Tradução Therezinha Gomes Garcia Langlada. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.